

NEOLIBERALISMO, CUIDADO E SOFRIMENTO: uma etnografia digital sobre mulheres com fibromialgia

Mary Delane Gomes de Santana (PPGCS/UFCG), mdgc09@gmail.com¹

RESUMO

O neoliberalismo consolidou-se como uma racionalidade que reorganiza o trabalho, os modos de subjetivação e as formas de gestão da vida, produzindo impactos diretos sobre a experiência do sofrimento psíquico. Nesse contexto, a dor tende a ser individualizada e moralizada, sendo interpretada como falha pessoal ou incapacidade de adaptação às exigências produtivas. Este trabalho analisa práticas informais de acolhimento e cuidado mediadas pelo WhatsApp, a partir do grupo “fibromialgia dói na alma”, criado por uma mulher fibromiálgica na cidade de Campina Grande (PB), que reúne atualmente 586 participantes, em sua maioria mulheres de classes populares. A pesquisa adota abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, baseada na observação participante das interações cotidianas no grupo, incluindo mensagens de texto, áudios e relatos sobre dor, sofrimento psíquico e acesso aos serviços de saúde. As participantes, em sua maioria mães solas e chefes de família, encontram-se inseridas em ocupações precárias e têm o Sistema Único de Saúde (SUS) como principal — e muitas vezes única — alternativa de tratamento. Os resultados parciais indicam que o grupo funciona como uma rede informal de cuidado, oferecendo escuta, reconhecimento da dor e circulação de informações sobre direitos e tratamentos, em contraste com experiências recorrentes de descrédito médico. Essas práticas produzem saberes situados e formas coletivas de enfrentamento do sofrimento, tensionando a lógica neoliberal de responsabilização individual. Contudo, revelam ambivalências: ao mesmo tempo em que operam como espaços contra-hegemônicos de cuidado, evidenciam a transferência do cuidado do Estado para os próprios sujeitos adoecidos. Ao focalizar mulheres fibromiálgicas no contexto do Brasil periférico, o estudo contribui para ampliar o debate sociológico sobre sofrimento social, gênero e cuidado, destacando o cuidado como prática coletiva e política, e não como responsabilidade individual.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Sofrimento psíquico. Fibromialgia. Redes digitais de cuidado.

¹ Bacharel e Ciências Sociais com área de concentração em Antropologia – Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Mestre em Sociologia Rural Universidade Federal da Paraíba – UFPB e doutorando do PPGCS da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

1 INTRODUÇÃO

O neoliberalismo não é apenas uma cartilha econômica; é uma racionalidade que molda o íntimo. Como sugerem Dardot e Laval (2016), ele reorganiza as subjetividades ao ponto de o sofrimento psíquico deixar de ser uma questão de desigualdade estrutural para se tornar uma "falha individual". Sob essa lógica, quem adoece é visto como alguém que falhou em ser produtivo ou resiliente.

No Brasil periférico, essa pressão ganha contornos cruéis. Mulheres pobres, equilibrando-se entre o trabalho precário e as exaustivas jornadas domésticas, veem o Estado recuar enquanto a saúde falha. É nesse vácuo que a fibromialgia — com seu rastro de dor invisível e fadiga — emerge não apenas como um diagnóstico, mas como um estigma. Mesmo com o marco da Lei nº 15.176/2025, que finalmente reconhece a condição como deficiência (PCD), a realidade no do SUS continua a ser de descrédito, para essas mulheres. A lei que passou a ter validade agora em janeiro do corrente ano, não garante ainda a não fragmentação do cuidado nem a deslegitimação das dores das mulheres com fibromialgia. Elas habitam o que Biehl (2011) chama de “zonas de abandono”: espaços onde a vida pulsa, mas o sofrimento é politicamente ignorado.

O neoliberalismo opera como uma racionalidade que ultrapassa o campo econômico, reorganizando práticas sociais, formas de subjetivação e modos de governar a vida (DARDOT; LAVAL, 2016). Sob essa lógica, o sofrimento psíquico tende a ser deslocado do campo das desigualdades estruturais para o plano da responsabilidade individual, sendo interpretado como incapacidade subjetiva de adaptação às exigências de desempenho, produtividade e resiliência.

Diante desse cenário, Esta pesquisa investiga: como mulheres de classes populares em Campina Grande (PB) reinventam o acolhimento por meio do WhatsApp e de que maneira essas redes digitais conseguem tensionar — ou acabam por reproduzir — a lógica neoliberal de que cada um deve dar conta de si?

O objetivo geral é analisar esse cuidado coletivo no contexto da precarização do trabalho, buscando entender como a dor é narrada, como o grupo reage à moralização do sofrimento e quais as ambivalências de uma rede que acolhe onde o Estado falha.

Especificamente, busca-se: (a) compreender como o sofrimento é narrado e compartilhado; (b) analisar os efeitos da moralização da dor; (c) investigar formas coletivas de

enfrentamento; e (d) discutir as ambivalências dessas redes frente ao enfraquecimento das políticas públicas.

A relevância do estudo reside na necessidade de ampliar o debate sociológico sobre sofrimento social e cuidado a partir de perspectivas situadas no Sul Global, contribuindo para uma sociologia sensível às experiências historicamente deslegitimadas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa de inspiração etnográfica, inserida no campo da sociologia da saúde e do sofrimento social, procurando assim, dialogar com a tradição brasileira de pesquisa qualitativa em saúde e com debates nacionais sobre etnografia e sofrimento social. A etnografia é compreendida como prática analítica situada, que privilegia a observação prolongada, a escuta e a convivência como formas de produção do conhecimento (GEERTZ, 2008; PEIRANO, 2014).

O trabalho de campo baseia-se na observação participante contínua das interações cotidianas no grupo de WhatsApp “fibromialgia dói na alma”, criado em Campina Grande (PB), que reúne 586 participantes, majoritariamente mulheres de classes populares. O grupo não opera apenas como repositório de falas, mas como arena relacional na qual se constroem normas, afetos, hierarquias e formas de reconhecimento da dor.

Apesar da pesquisa se basear em um único grupo digital, o que pode para muitos limitar o alcance e a generalização dos resultados, isso só ocorrerá se o pesquisador não levar em consideração a natureza do método etnográfico, que não tem como premissa a generalização estatística, mas a compreensão aprofundada de processos sociais situados, a partir de um caso analiticamente relevante.

O trabalho, portanto, privilegiou a análise das relações entre neoliberalismo, cuidado e sofrimento a partir de uma etnografia digital realizada com mulheres diagnosticadas com fibromialgia. Partindo da compreensão de que o neoliberalismo opera como racionalidade que reorganiza práticas de cuidado, deslocando responsabilidades do Estado para os indivíduos, especialmente para as mulheres. Nesse contexto, foi realizada a partir da observação de mensagens, áudios, recorrências discursivas, silêncios e afetos mobilizados, do grupo do WhatsApp, procurando compreender o sofrimento como fenômeno socialmente produzido.

Todo o trabalho foi realizado levando em consideração os cuidados éticos necessários a uma pesquisa, como preservação do anonimato das participantes e o respeito ao caráter sensível do campo. Trata-se de pesquisa em andamento, que começou em outubro de 2025 e cujos resultados apresentados são parciais.

3. PRINCIPAIS RESULTADOS (PARCIAIS)

Os dados aqui apresentados devem ser compreendidos como resultados analíticos parciais, próprios de uma pesquisa em curso. O uso da etnografia método utilizado nessa pesquisa, revela, até agora, que o WhatsApp oferece para as mulheres o reconhecimento que os hospitais e as famílias muitas vezes negam. Ali, a dor deixa de ser “frescura” para se tornar um elo comum. O grupo funciona como uma engrenagem de suporte emocional e jurídico, criando um saber próprio sobre o SUS e os direitos assistenciais que muitas só tomam conhecimento por esse canal, como por exemplo, quais médicos do SUS oferecem um atendimento mais humano para elas, quais estratégias para lidar com crises de dor e sofrimento psíquico. O cuidado é concebido como prática relacional e interdependente, produzindo saberes situados que complementam, mas não substituem, a biomedicina.

Porém, vale salientar que apesar de operar como espaço de acolhimento, o grupo também apresenta tensões, silenciamentos e disputas implícitas, especialmente em torno da legitimidade das queixas e da autoridade do saber médico. A intensificação das interações coincide com a insuficiência estrutural do cuidado institucional, deslocando para as próprias mulheres a gestão cotidiana do adoecimento. Ademais, após o reconhecimento legal da fibromialgia como deficiência, observa-se a intensificação da presença de profissionais privados no grupo, configurando um processo de mercantilização do sofrimento, no qual a dor é convertida em oportunidade de negócio.

Essas dinâmicas evidenciam que as redes digitais de cuidado operam simultaneamente como formas de resistência cotidiana e como efeitos da retração da responsabilidade estatal no contexto do neoliberalismo periférico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia que a fibromialgia, no contexto do Brasil periférico, deve ser compreendida como experiência social atravessada por desigualdades estruturais e pela racionalidade neoliberal. A individualização da dor e a responsabilização dos sujeitos pela gestão do sofrimento produzem silenciamento e exclusão, especialmente entre mulheres pobres.

As redes digitais analisadas emergem como respostas coletivas a esse cenário, afirmando o cuidado como prática relacional e política. Contudo, longe de representarem soluções definitivas, revelam as contradições do neoliberalismo, ao operarem dentro dos limites impostos pela retração das políticas públicas.

A principal contribuição deste estudo reside em evidenciar como redes digitais de cuidado operam simultaneamente como formas de resistência cotidiana e como efeitos da retração do cuidado estatal no contexto do neoliberalismo periférico.

REFERÊNCIAS

BIEHL, João. **Antropologia do devir: psicofármacos, abandono social e subjetividade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

BRASIL. **Lei nº 15.176, de 14 de julho de 2025**. Altera a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), para incluir a fibromialgia e doenças correlatas no rol de condições consideradas deficiência. Brasília, DF: Presidência da República, 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

PEIRANO, Mariza G. S. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.